

CAPÍTULO 4. OS GRAUS DA APERCEPÇÃO HUMANA EM RELAÇÃO ÀS IDÉIAS INATAS DO ENTENDIMENTO

Como vimos, a alma sempre se apercebe das idéias inatas de seu entendimento puro quando os órgãos sensoriais de seu corpo não são atingidos em sua integridade e estão operando dentro de seus limites. Todavia, não devemos nos enganar quanto a essa apercepção, pois ela tem suas limitações. Quer dizer, existem graus na atenção dispensada pelo espírito a essas idéias, que condizem com a dificuldade que temos em **tomá-las em separado** dos pensamentos presentes e particulares aos quais elas são **adicionadas**: “existem graus na dificuldade que temos de nos aperceber do que está em nós” (NE, I.i.§5, pp.61-2).

Por isso, embora pareça contraditório, Leibniz afirmará que nem sempre nos apercebemos dessas idéias. E isso significa: nem sempre nos apercebemos das idéias inatas tomadas **em si mesmas, em separado (*in abstracto*)**, embora sempre estejamos nos apercebendo delas enquanto somos conscientes e enquanto elas aparecem **adicionadas** aos nossos pensamentos atuais.

No Capítulo 19, Livro II, dos *Novos Ensaios*, Leibniz nos indica esse gradual da apercepção por meio do conceito de **atenção**, mas, sem relacioná-lo com o tema das idéias inatas:

Temos **atenção** em relação aos objetos que distinguimos e preferimos aos outros. Se a atenção continuar no espírito, quer o objeto externo continue quer não, e mesmo quer ele ali se encontre quer não, temos a **consideração**; esta, se tender ao conhecimento sem relação com a ação³⁵, será **contemplação**. A atenção cujo fim é aprender (ou seja, obter conhecimentos para conservá-los) é o **estudo**. Considerada para formar algum plano, é **meditar** (NE, II.xix.§1, p.127).

Todavia, em relação ao último grau aperceptivo que distingue, a *meditação*, Leibniz volta ao tema das idéias inatas, no Cap.1, Livro I, dos *Novos Ensaios*, afirmando que é apenas pela *meditação* que a alma humana consegue tomar as idéias inatas ***in abstracto***, representando-as distinta e **separadamente**:

É verdade que começamos antes dando-nos conta das verdades particulares, como começamos pelas idéias mais compostas e mais grosseiras; todavia, isso não impede que a ordem da natureza comece pelo mais simples, e que a razão das verdades mais particulares dependa das mais gerais, das quais são apenas exemplos. E, quando queremos **considerar** o que está em nós virtualmente e antes de qualquer

³⁵ Sem relação a um fim prático qualquer.

apercepção³⁶, temos razão em começar pelo mais simples. Pois os princípios gerais estão em nossos pensamentos, dos quais constituem a alma e a conexão. Eles são ali necessários, da mesma forma que os tendões e os músculos o são para andarmos, embora não pensemos neles. O espírito se apoia sobre esses princípios a todo momento, mas não chega tão facilmente a distingui-los e representá-los **distinta e separadamente**, visto que isso exige uma grande **atenção** ao que ele faz, e a maior parte das pessoas, pouco habituadas a **meditar**, não têm tal **atenção** (NE, I.i. §20, p.66).

A *meditação*, portanto, parece ser a apercepção de nível mais elevado, pela qual conseguimos tomar as idéias inatas nelas mesmas, após um longo *estudo* que nos faz gradativamente separá-las dos pensamentos atuais em que estão aplicadas. É quando passamos a desenvolver os conhecimentos relativos à física e à matemática pura, chamados claros/distintos e adequados. E quando passamos a agir dentro da mais estrita e reta moralidade³⁷.

Em suma, fechando esta pequena análise preliminar, vimos dois pontos fundamentais: 1. existem graus na apercepção das idéias que trazemos em nós mesmos; e, 2. a *meditação* é o único grau da apercepção que toma efetivamente as idéias inatas **em separado**, ou seja, é a única apercepção estrita sobre essas idéias consideradas **em si mesmas**³⁸.

Por isso, Leibniz também afirmará que **não nos apercebemos** de nossas idéias inatas, mesmo quando estamos conscientes. O que aparenta ser contraditório com o que já analisamos, mas se segue exatamente do fato de que é apenas pela *meditação* que realmente nos apercebemos das idéias inatas **em si mesmas**. Enquanto que, pelos outros graus aperceptivos, notamos apenas as idéias inatas aplicadas a algum caso particular, e, assim, temos consciência **de** idéias inatas, mas não **das** idéias inatas **em si mesmas**.

Em relação a essa não-apercepção das idéias inatas, o filósofo afirma: “os princípios gerais estão em nossos pensamentos, dos quais constituem a alma e a

³⁶ ‘Apercepção’, neste caso, se refere à apercepção das idéias inatas tomadas em separado (*in abstracto*). O que se confirma quando Leibniz se utiliza do termo ‘considerar’, que é um dos graus da apercepção. E se confirma, também, porque o contrário seria absurdo, visto que a frase “antes de toda e qualquer apercepção” impediria a *consideração* e o desenvolvimento de qualquer conhecimento.

³⁷ Mais adiante, veremos que mesmo os conhecimentos claros/distintos e adequados têm graus, pois eles não são conhecimentos perfeitos; apesar de serem os mais perfeitos que nós, seres imperfeitos, podemos alcançar.

³⁸ No início dos *Novos Ensaios* (NE, I, p.56-7.), Leibniz também se utiliza dos termos ‘estudo’ e ‘meditação’ para se referir ao tipo de trabalho que ele mesmo desenvolveu quando escreveu os *Novos Ensaios*. Cf. também: NE, I.i. §5, p.63.

conexão. Eles são ali necessários, da mesma forma que os tendões e os músculos o são para andarmos, **embora não pensemos neles**” (NE, I.i.§20, p.66).

As idéias do *ser*, do *possível*, do *mesmo*, são tão inatas que entram em todos os nossos pensamentos e raciocínios, e eu as considero coisas essenciais ao nosso espírito. **Entretanto, já disse que nem sempre lhes damos a atenção necessária, e que só as distinguimos com o correr do tempo** (NE, I.iii.§3, p.79).

Neste sentido, as idéias e princípios morais inatos devem ser considerados como elementos inconscientemente percebidos pela alma humana. Leibniz também dirá, percebidos **obscuramente**:

Admiro-me que vosso versado amigo [Locke] tenha confundido **obscurecer** com *apagar*, como se confundem, entre os vossos partidários, o *não-ser* e o *não-aparecer*. As idéias e verdades inatas não podem ser apagadas, mas estão obscurecidas em todos os homens (como elas são no momento) (NE, I.i.§20, p.78).

Filaleto - Todavia, uma permissão pública de violar uma lei demonstra que a referida lei não é inata (...) // Teófilo - Mesmo supondo tal violação, segue apenas que tais pessoas não leram bem os caracteres da natureza gravados em nossas almas, mas freqüentemente **obscurecidos** pelas nossas desordens (NE, I.ii.§12, p.75).

Por isso, o fato das *idéias inatas* residirem no entendimento e se relacionarem com ele de maneira imediata não significa necessariamente que delas, **tomadas em separado** (em si mesmas, i.e., abstratamente), a alma humana tenha qualquer *apercepção*. Significa apenas que elas estão no entendimento, e nele podem ser encontradas; exatamente devido a esta imediação que faz com que nosso espírito perceba-as todo o tempo, ainda que de maneira inconsciente: “O que é inato, nem por isso é logo conhecido clara e distintamente: necessita-se de muita atenção e ordem para apercebê-lo, sendo que as pessoas de *estudo* nem sempre o atingem, muito menos qualquer criatura humana” (NE, I.ii.§12, p.75)³⁹:

Recordar-vos-ei [Filaleto] que vos mostrei como as idéias se encontram em nós, não sempre de tal forma que delas nos damos conta, mas sempre de tal maneira que podemos hauri-las do nosso próprio fundo e torná-las aperceptíveis (NE, IV.x.§7, p.346).

Filaleto – (...) não é porventura verdade que, se estas palavras – *estar no entendimento* – encerram algo de positivo, significam ser apercebido e compreendido pelo entendimento? // Teófilo – As mencionadas palavras nos indicam uma coisa completamente diversa: basta que aquilo que está no entendimento possa ser encontrado ali (NE, I.i.§5, p.63).

³⁹ Ou seja, o *estudo* sem a *meditação* não é capaz de tomar as idéias inatas nelas mesmas, *in abstracto*.

Mas por que existe essa gradação na apercepção e essa dificuldade em tomarmos separadamente as idéias inatas que trazemos em nós mesmos? E Leibniz responde: são os próprios sentidos que desviam a apercepção da alma arrastando-a consigo, pois a *atenção* é comandada pelas *necessidades*, e as necessidades **geralmente** são sensíveis e correspondem à relação do corpo com a exterioridade, i.e., com o *a posteriori* que constitui o plano de nossas *experiências empíricas*⁴⁰. Assim, somos arrastados para todos os lados, seja para nos defendermos, seja para nos alimentar, seja para nos abrigar, seja para ganharmos dinheiro com vistas ao nosso sustento, ou mesmo para mantermos nosso *status* social. Por este último, vê-se também que entram como componentes desviantes os hábitos e os costumes, quando, por exemplo, nos guiamos pelos interesses sociais e partidários, ao invés de seguirmos a ordem natural (racional) de nossas idéias⁴¹.

A apercepção do que está dentro de nós depende de uma atenção e de uma ordem. Ora, não é somente possível, mas é até conveniente que as crianças prestem mais atenção às noções proveniente dos sentidos, visto que a atenção é regulada pela necessidade” (NE, I.i.§25, p.68).

É que as nossas necessidades nos obrigam a abandonar a ordem natural das idéias, pois esta ordem seria comum aos anjos, aos homens e a todas as demais inteligências em geral, e deveria ser seguida por nós, se não considerássemos os nossos interesses (NE, III.i.§5, p.215).

Deste modo, se são os sentidos promovendo *sensação* que possibilitam à alma humana *se dar conta* daquilo que traz inato em si mesma, são eles também que desviam a atenção do espírito, fazendo com que ele se afaste dessas idéias, **inclinando-o** a orientar-se mais pelas sensações do que pelas razões fundadas em seu próprio interior, no entendimento puro: “tais objetos⁴² são imediatos ao nosso entendimento e sempre presentes (ainda que não sejam sempre apercebidos, devido às nossas distrações e necessidades)” (NE, Pref., p.40).

⁴⁰Temos também necessidades morais que provêm do interior do espírito, por via dos princípios morais inatos do entendimento, mas que nem sempre são atendidas, pois, da mesma maneira que as necessidades externas desviam-no das idéias inatas do conhecimento, desviam-no também das necessidades que os princípios aludidos produzem: “Acontece todos os dias que os homens agem contra o seu conhecimento, escondendo de si tais princípios quando voltam o espírito para outra direção e para seguir as suas paixões: se não fosse assim, não veríamos pessoas comerem e beberem coisas que sabem causadoras de doenças e até da morte (...). Acontece mesmo em relação às necessidades importantes desta vida, o que ocorre com respeito ao céu e ao inferno, mesmo com aqueles que mais crêem neles” (NE, I.ii.§11, p.74).

⁴¹ Cf. NE, II.xxxiii.§18, pp.209-10.

⁴² Leibniz aqui se refere aos objetos inatos, i.e., às idéias inatas.

As máximas inatas só aparecem pela atenção que lhes damos; ora, as mencionadas pessoas⁴³ não dispensam tal atenção, ou bem dispensam a outras coisas. Quase só pensam nas necessidades do corpo; ora, é natural que os pensamentos puros e abstratos constituam o preço de *esforços* mais nobres (NE, I.i.§27, p.69).

É a batalha, afirma Leibniz, entre o espírito e a carne, de que nos fala toda a filosofia (antiga e moderna) e também a Sagrada Escritura. Essa batalha em que, tanto por limitação quanto por veleidade e negligência do espírito, a carne sai vencedora:

Admiro-me que vosso versado amigo [Locke] tenha confundido *obscurecer* com *apagar*, como se confundem, entre os vossos partidários, o *não-ser* e o *não-aparecer*. As idéias e verdades inatas não podem ser apagadas, mas estão obscurecidas em todos os homens (como elas são no momento) pela sua **inclinação** às necessidades do corpo, e muitas vezes ainda mais pelos maus hábitos. Esses caracteres da luz interna brilharam sempre no entendimento, e dariam calor à vontade, se as percepções confusas dos sentidos não se apoderassem da nossa atenção. É o combate do qual a Sagrada Escritura fala, tanto quanto a filosofia antiga e a moderna (NE, I.i.§20, p.78).

Por isso, para que realmente possamos nos aperceber de nossas idéias inatas, não basta apenas estarmos conscientes, atentando para aquilo que nos vem por meio dos sentidos. É necessário também trabalho e pesquisa, esforço e *estudo*. Um movimento introspectivo mais elevado (*meditação*), pois “é natural que os pensamentos puros e abstratos constituam o preço de *esforços* mais nobres” (NE, I.i.§27, p.69).

É verdade que não se deve imaginar que possamos ler na alma estas leis eternas da razão a livro aberto, como se lê o edito do pretor no seu livro, sem trabalho e sem pesquisa; basta, porém, que possamos descobri-las em nós em virtude da atenção, sendo que a ocasião é fornecida pelos sentidos (NE, Pref., p.39).

Todavia, não são apenas as necessidades corporais, comandando a atenção do espírito, nem a negligência e a fraqueza da alma, em se deixar ser comandada desta maneira, que fazem com que seja difícil tomar as idéias inatas em si mesmas. A dificuldade maior reside no fato dessas idéias (em si mesmas) **já estarem na alma de maneira inconsciente**. Ou, como Leibniz também afirma, de maneira **virtual**:

Filaleto - (...) as ciências mais profundas e mais difíceis são inatas?// Teófilo - O **conhecimento atual** dessas ciências [aritmética e geometria] não o é, mas o é aquilo que se pode denominar o **conhecimento virtual**, como as figuras traçadas pelos veios de mármore, antes de serem descobertas pelo trabalho do artífice (NE, I.i.§25, p.68).

⁴³ Leibniz aqui se refere às crianças, aos selvagens e aos iletrados.

Assim, para nos apercebermos das idéias inatas em si mesmas, é necessário que elas sejam descobertas, como os veios na pedra de mármore que o artista precisa esculpir para fazer aparecer:

Servi-me também da comparação de uma pedra de mármore, a qual tem veios, preferivelmente a uma pedra de mármore toda compacta, ou então, lousas vazias, que entre os filósofos se chamam *tabula rasa*. Com efeito, se a alma se assemelhasse a tais lousas vazias, as verdades seriam em nós como a figura de Hércules que se encontraria em um mármore, quando este é ainda completamente indiferente a receber esta figura ou uma outra. Entretanto, se houvesse veios na pedra, que assinalassem *a priori* a figura de Hércules de preferência a outras, esta pedra seria mais determinada, e Hércules estaria como inato nela de alguma forma, embora não se possa esquecer que se necessitaria de trabalho para descobrir tais veios, para limpá-los, eliminando o que os impede de aparecer. É desta forma que as idéias e as verdades estão inatas em nós (NE, Pref., p.40).

Deste modo, consideradas em si mesmas, só apercebemos as idéias inatas de nosso entendimento quando *meditamos*. Nos outros casos, mesmo estando conscientes, não nos damos conta das idéias inatas nelas mesmas, e apercebemos apenas o **mesclado**, formado pela aplicação dessas idéias aos nossos pensamentos atuais; principalmente aqueles relativos às afetações sensíveis sofridas pelo corpo, e aos costumes.